



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

ALINE KAREN DO REGO LISBOA

O PELÉ FOI DE ARRASTA PRA CIMA E EU POSSO ATÉ IR DE AMERICANAS:
uma análise dos processamentos metafóricos e inferenciais da construção “Foi de [X]”

ABAETETUBA-PA
2025

ALINE KAREN DO REGO LISBOA

O PELÉ FOI DE ARRASTA PRA CIMA E EU POSSO ATÉ IR DE AMERICANAS:
uma análise dos processamentos metafóricos e inferenciais da construção “Foi de [X]”

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L769p Lisboa, Aline Karen do Rego.
 O Pelé foi de arrasta pra cima e eu posso até ir de Americanas :
 uma análise dos processamentos metafóricos e inferenciais da
 construção “Foi de [X]” / Aline Karen do Rego Lisboa. — 2025.
 31 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
 Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
 Pará, , , Abaetetuba, 2025.

 1. Metáfora Conceptual. 2. Funcionalismo. 3. Foi de [X]. I.
 Título.

CDD 410

ALINE KAREN DO REGO LISBOA

O PELÉ FOI DE ARRASTA PRA CIMA E EU POSSO ATÉ IR DE AMERICANAS:
uma análise dos processamentos metafóricos e inferenciais da construção “Foi de [X]”

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Data de aprovação: 11 / 09 / 2015

Conceito: Exulente

Banca Examinadora:

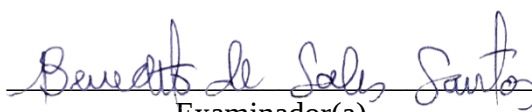


Orientador

Prof. Dr. Robson Borges Rua - UFPA

Examinador(a)

Prof. Dr. Marcelo Pires Dias - UFPA



Examinador(a)

Prof. Dr. Benedito de Sales Santos - UFPA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me concedido a oportunidade de vivenciar o período dessa graduação sob a Sua proteção, sem nunca ter deixado de me proporcionar saúde, força, paciência e capacidade para seguir, diariamente, meus objetivos.

Aos meus pais, Alcideia e Klecio, agradeço pelo amor, carinho e amparo que me deram durante toda a minha vida. Obrigada por sempre me incentivarem a trilhar o caminho dos estudos e por não medirem esforços para que eu permanecesse nesse percurso, seja por meio de palavras de apoio ou de gestos que só o laço familiar pode fornecer. Ao meu irmão, Kauã, agradeço por ser o meu companheiro incondicional e por todas as vezes em que me fez enxergar a vida sob a lente de um coração puro, alegre e gentil. Sem vocês, nada disso seria possível!

Agradeço também aos amigos que a universidade me deu: Delaila, Gabriely, Samily, Sheila e todos os demais do grupo “Nosso L”, os quais foram luz na minha vida e tornaram as manhãs, tardes e noites de estudo mais leves e divertidas. Em especial, menciono a Beatriz e o Paulo – amizades que ultrapassaram o âmbito acadêmico e profissional –, pelos quais sou grata por todos os momentos compartilhados, desde os de felicidade, cumplicidade e incentivo, até os de perrengue, desabafo e puxão de orelha. Só nós sabemos o que passamos para chegar à conclusão desse curso. Vocês foram essenciais na minha trajetória e, por conta disso, dedico-lhes a minha profunda gratidão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Robson Rua, sou grata por todo conhecimento compartilhado ao longo dessa formação e por sempre ter acreditado no meu potencial. Você é um exemplo de profissional da educação, o qual transcende os limites das salas de aula e alcança o âmago dos alunos, inspirando-os a perseguir seus sonhos. Muito obrigada.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a materialização deste trabalho – familiares, amigos e professores. Cada gesto e palavra de encorajamento foi fundamental para que essa conquista fosse concretizada. Gratidão.

RESUMO

Este trabalho realiza uma discussão a respeito do processamento metafórico e do conhecimento inferencial da construção “Foi de [X]”, materializada em variações como “Foi de arrasta pra cima” e “Foi de Americanas”, bastante usada nas mídias digitais. O objetivo desta pesquisa é analisar de que forma os usuários fazem uso de recursos linguísticos, a exemplo da metáfora e da inferência, direta ou indiretamente, para se referirem ao fim/desaparecimento da vida, bem como discutir o processo da motivação do fenômeno em estudo. Nesse sentido, tal investigação justifica-se por poder apresentar uma explicação científica para a diversidade de expressões presentes na língua portuguesa falada no Brasil, especialmente no universo virtual. Quanto à fundamentação teórica, baseia-se nos postulados da Linguística Cognitiva, sob a perspectiva da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980; Souza, 2016); nos pressupostos funcionalistas (Givón, 1995; Martelotta; Areas, 2003; Bybee, 2016; Rosário, 2022); e na concepção pragmático-semântica de inferência (Marcuschi, 2008). Para a sua realização, além da abordagem qualitativa e da pesquisa bibliográfica, foram analisadas publicações no aplicativo X, rede social anteriormente chamada de *Twitter*, das quais foram extraídos 169 registros das expressões em foco. Por fim, concluiu-se que o escopo “Foi de [X]” demonstra a produtividade e a criatividade dos interlocutores, já que além de estar associado ao fim da vida, também pode ser atrelado à perda de funcionalidade e à falência. Portanto, o trabalho contribui com os estudos linguísticos cognitivo-funcionais, de forma a ser também um ponto de ancoragem para futuras pesquisas da área.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual. Funcionalismo. Foi de [X].

ABSTRACT

This work presents a discussion on the metaphorical processing and inferential knowledge involved in the construction “Foi de [X]”, manifested in variations such as “Foi de arrasta pra cima” and “Foi de Americanas”, widely used on digital media platforms. The aim of this research is to analyze how digital users employ linguistic resources, such as metaphor and inference, directly or indirectly, to refer to the end or disappearance of life, as well as to examine the motivation behind the phenomenon under study. This investigation is justified by the possibility of providing a scientific explanation for the diversity of expressions present in Brazilian Portuguese, particularly in the online context. Regarding its theoretical background, this study is based on the postulates of Cognitive Linguistics, from the perspective of Conceptual Metaphor (Lakoff; Johnson, 1980; Souza, 2016); on functionalist assumptions (Givón, 1995; Martelotta; Areas, 2003; Bybee, 2016; Rosário, 2022); and on the pragmatic-semantic conception of inference (Marcuschi, 2008). For its development, the study combines a qualitative approach and bibliographic research with an analysis of publications from the *X* platform, formerly known as *Twitter*, from which 169 records of the target expressions were extracted. The research concludes that the “Foi de [X]” construction demonstrates the productivity and creativity of interlocutors, as it can refer not only to the end of life but also to the loss of functionality and collapse. In conclusion, this research aims to contribute to cognitive-functional linguistic studies, serving as a reference point for future investigations in the field.

Keywords: Conceptual Metaphor. Functionalism. Foi de [X].

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA.....	8
3. ARCABOUÇO TEÓRICO	11
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS	17
5.1. O objeto de estudo sob o prisma da Metáfora Conceptual.....	17
5.2. A reciclagem linguística presente na construção “Foi de [X]”	19
5.3. Categorização da construção “Foi de [X]”	21
5.3.1. Categoria 1: a projeção em entidades humanas.....	21
5.3.2. Categoria 2: onde [X] é instituição.....	22
5.3.3. Categoria 3: a abordagem com viés cultural	22
5.3.4. Categoria 4: [X] como mapeamento resultativo.....	24
5.3.5. Categoria 5: a difusão de propriedades.....	24
5.4. A motivação da mudança linguística em “Foi de [X]”	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO

É inegável que as metáforas são incumbidas de um papel fundamental em tudo que envolve a compreensão de mundo e as relações sociocomunicativas que o ser humano desempenha ao longo de sua vivência. Tal fato é sustentado por Lakoff e Johnson (1980, p. 45), ao pontuarem que “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação”, o que significa que o ato de pensar e de agir é metafórico.

Nessa lógica, com a evolução ocorrida no decurso da história, o que uma vez esteve restrito à fala e à escrita manual, agora se observa com grande frequência nas mídias digitais, posto que a metáfora e outros fenômenos linguísticos tendem a ser recorrentes nesses ambientes, principalmente devido à capacidade de simular contextos reais de comunicação, por meio dos aplicativos e sites de relações sociais, a exemplo do *Instagram* e do *X* (antigo *Twitter*).

Em função disso, o presente artigo tem o objetivo de realizar uma discussão, mediante análise de dados, sobre os processamentos metafóricos e os conhecimentos inferenciais associados às expressões de fim/desaparecimento da vida na rede social *X*, a saber “Foi de [X]”, manifestadas em construções como “Foi de arrasta pra cima” e “Foi de Americanas”.

Com base nisso, delimitou-se o seguinte problema de pesquisa: *Por que usuários digitais fazem uso de recursos linguísticos, como a metáfora e a inferência, para se referir ao fim/desaparecimento da vida?*

Nesse sentido, a motivação deste estudo parte, inicialmente, de discussões a respeito das formas linguísticas não canônicas, à luz dos pressupostos funcionalistas e conceituais da linguagem, levantadas durante a disciplina de Semântica e Pragmática, ministrada pelo professor Dr. Robson Borges Rua, no curso de Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

Somado a isso, cabe ressaltar a relevância de investigações acerca de como a linguagem humana é processada e da razão pela qual os falantes realizam determinadas escolhas linguísticas em diferentes situações comunicativas, principalmente no campo virtual. Isso porque tais ações discursivas apontam a expressividade e a criatividade dos participantes da comunicação, de forma a evidenciar a correlação entre cognição e linguagem.

Como base teórica, adotam-se as considerações de Lakoff e Johnson (1980) e Souza (2016), enquanto estudiosos da Linguística Cognitiva e da percepção de metáfora como um fenômeno conceptual. Além disso, baseia-se no funcionalismo linguístico, em que Givón (1995), Martelotta e Areas (2003), Bybee (2016) e Rosário (2022) evidenciam a investigação

da língua sob o ponto de vista da evolução linguística, e na concepção inferencial de Marcuschi (2008), que aborda a inferência na perspectiva pragmático-cognitiva.

No que tange aos aspectos metodológicos, emprega-se a abordagem qualitativa, integrada aos métodos de levantamento de dados e à pesquisa bibliográfica, consoante Marconi e Lakatos (2002), assim como à análise de conteúdo, conforme Martelotta (2009), com vistas a realizar categorizações a respeito do objeto de estudo.

Finalmente, concernente à sua estruturação, o artigo está dividido da seguinte maneira: na primeira seção, foram discurridas as considerações iniciais; a seguir, será apresentado o objeto de estudo em questão; na seção 3, explorar-se-ão as fundamentações que embasaram teoricamente esta pesquisa; em seguida, serão descritos os procedimentos metodológicos utilizados; na seção 5, desenvolver-se-ão a análise e a discussão dos dados coletados; e, por fim, serão evidenciadas as considerações finais do trabalho.

2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

A procura por recursos e meios capazes de estabelecer interações comunicativas sempre esteve presente na história da humanidade, fato esse que associou a palavra ao poder da criação, de acordo com Fiorin (2007). Dessa demanda, originaram-se fenômenos linguísticos que auxiliaram na satisfação de necessidades interlocutivas dos falantes, a exemplo da metáfora, importante referente teórico deste trabalho.

Constantemente definida por termos como “comparação”, “analogia”, “similaridade” etc, pelos mecanismos de buscas *on-line*, a metáfora está longe de ser facilmente conceituada, visto que a sua interpretação, que, para muitos, remonta ao período da Antiguidade Clássica, ainda é alvo de estudos na hodiernidade. Nessa perspectiva, cabe discutir as principais percepções que cercam o fenômeno metafórico na área da linguística.

Inicialmente, acredita-se que a visão aristotélica de figuras deu início à concepção de metáfora, ao conceber a noção de retórica e de poética. Para Ricoeur (2000), a habilidade de falar com eloquência e persuasão e a arte de compor poemas são dois domínios distintos que, quando alicerçados, constituem uma estrutura metafórica.

Tal aspecto pode ser explicado ao explorar o núcleo comum a essa dualidade: a palavra, unidade de significação central da elocução que pode ser “ou um nome corrente (*kyrion*), ou estranho, ou metáfora, ou ornado, ou inventado, ou alongado, ou abreviado, ou alterado” (Ricoeur, 2000, p. 29). Daí surge a teoria dos tropos, ou figuras de palavras, a qual Aristóteles

atribui a hipótese de que a metáfora é um mero desvio da significação da linguagem corrente, provocado pela busca do “falar bem”.

Por outro lado, autores, a exemplo de Vereza (2007), contrapõem a ideia de que a relação metafórica teve gênese na Grécia Antiga. Conforme a linguista, o pensamento aristotélico não é suficientemente claro e sistemático para se tornar uma “teoria da metáfora” e, por conta disso, deve-se considerar a concepção tradicional da construção metafórica, aquela que a trata como uma figura de linguagem.

A tradição linguística retrata a metáfora como um ornamento estilístico e poético, restrito à linguagem literária e separado do pensamento ou da ação humana (Souza, 2016). Em outros termos, isso significa que o uso figurado é simplesmente a distorção de um conceito, no sentido literal, para referir-se a outro. Em decorrência disso, criou-se uma visão de que esse é um recurso supérfluo, característico do contexto literário.

Nessa abordagem, a expressão metafórica pode ser ilustrada ao explorar versos como os expostos abaixo (1), do poema “Coração de pedra”, de Cecília Meireles, os quais vinculam o escopo *coração que é de pedra* a sentimentos pesados e rígidos, de modo a embelezar o texto e a “emprestar” o sentido de um termo (pedra) para aquele que se deseja referir (sentimento pesado e rígido).

(1) *Oh, quanto me pesa/ este coração, que é de pedra* (Cecília Meireles)

Entretanto, em contraposição ao que foi defendido tradicionalmente, estudos recentes acerca do fenômeno metafórico acreditam que este não se limita à superficialidade das figuras de linguagem, mas atinge recorrentemente a vivência dos indivíduos falantes. Esse rompimento paradigmático, que retira o *status* de certa insignificância da metáfora tradicional, é introduzido à linguística por George Lakoff e Mark Johnson, em seu livro *Metaphors We Live By* (1980), na seguinte afirmação:

Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (Lakoff; Johnson, 1980, p. 45).

Nesse contexto teórico, a metáfora, antes entendida apenas em seu domínio literal, com os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980), passa a ser abordada como uma figura do pensamento, situada em um processo que relaciona, cognitivamente, experiências já existentes a outras,

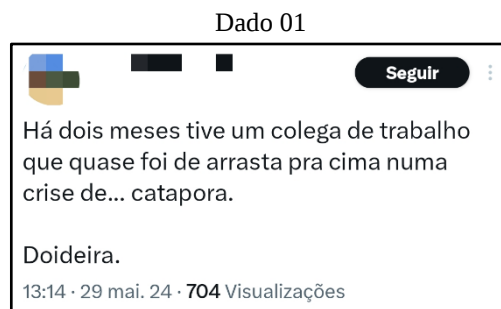
perspectiva teórica denominada Teoria da Metáfora Conceptual (TMC). Tendo isso em vista, Souza (2016) sustenta que

A partir desses estudos, a metáfora não mais foi considerada apenas um recurso de estilo. Pelo contrário, passou a ser vista como um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro: para cada metáfora é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo, ou seja, entende-se e experiencia-se uma coisa em termos de outra. (Souza, 2016, p. 136-137).

Em outras palavras, o processo metafórico envolve uma espécie de mapeamento de traços de um domínio-fonte, transferidos para um domínio-alvo. Essa passagem, do ponto de vista de Souza (2016), ocorre daquilo que é mais concreto e básico para algo mais abstrato, com o objetivo de relacionar características comuns a duas coisas.

Destarte, infere-se que a metáfora não é apenas uma figura de palavras ou de linguagem, mas é um recurso conceitual, concebido no campo cognitivo, imanente dos seres humanos ao longo de sua vivência. Logo, essa abordagem funciona como um importante instrumento de análise linguística de expressões utilizadas pelos falantes nos momentos comunicativos.

Em vista disso, vale voltar-se para a construção “Foi de [X]”, objeto de estudo da presente pesquisa. Essa expressão, bastante recorrente na rede social X, é dotada de processamentos metafóricos e conhecimentos inferenciais que se referem à morte/desaparecimento da vida. Tal cenário pode ser ilustrado, ao observar o dado a seguir, que contém a manifestação das características de mapeamento, discutidas anteriormente, na estrutura do escopo em foco:



Fonte: X (2024)

Neste exemplo, sugere-se que alguém quase morreu em decorrência de uma infecção viral, a qual, na sociedade brasileira, é bastante comum – a catapora. Nesse contexto comunicacional, o trecho “foi de arrasta pra cima” desempenha a função de significar a perda da vida, em um processo metafórico que associa o ato de ser arrastado para alguma direção (cima) à morte. A concretização do entendimento dessa interlocução, por sua vez, ocorre

quando os participantes do ato comunicativo fazem uso de conhecimentos inferenciais que relacionam as propriedades mais concretas (ir para cima) ao domínio abstrato (falecimento).

Logo, foi a partir da observação desse interessante fenômeno linguístico, que é recorrente no âmbito das tecnologias digitais, atrelada ao estudo das considerações conceituais, que postulam que a metáfora não está apenas em poemas e retóricas, e aos pressupostos funcionalistas da língua, que admitem o caráter maleável do sistema linguístico, que este trabalho foi desenvolvido.

3. ARCABOUÇO TEÓRICO

O estudo das línguas humanas, durante toda a história da Linguística, foi marcado por postulados investigativos que se dedicaram a compreender o complexo universo do fenômeno linguístico. No entanto, apesar do interesse em comum, várias dessas abordagens se diferenciaram em aspectos metodológicos, teóricos e ideológicos, frequentemente divididas em dois grandes polos, o formalista e o funcionalista. Nessa lógica, por fazer parte fundamental desta pesquisa, cabe ressaltar, neste texto, a visão funcionalista da linguagem e os atravessamentos que as investigações desse campo admitem.

De acordo com Martelotta e Areas (2003, p. 20), o funcionalismo é caracterizado pela “concepção da língua como um instrumento de comunicação, [...] uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical”. Partindo de tal ideia, pode-se afirmar que, para eles, essa perspectiva é baseada na observação do uso da língua, em determinados contextos, haja vista que é por meio dessa utilização que o sistema se torna mutável.

Isso significa que o trabalho dos linguistas deve levar em consideração os mais diversos momentos discursivos, em que há a utilização de expressões linguísticas por parte dos falantes, com enfoque no papel primordial que as funções dessas formas atribuem ao ato comunicativo. Todavia, destaca-se que a corrente funcionalista não pode ser tratada como simples e homogênea, posto que é subdividida em variadas vertentes, escolas e correntes teóricas.

Segundo Neves (1997 *apud* Rosário, 2022), o funcionalismo, embora seja uma unidade, abarca uma diversidade de fragmentos da própria área, com destaque à orientação estadunidense. Portanto, neste trabalho, focaliza-se na Linguística Funcional Norte Americana, ou “Funcionalismo Clássico”, tendo em vista suas especificidades fundamentais.

Nessa tendência, que se originou nos Estados Unidos, nos anos de 1970, os principais representantes são Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón. Este último, por sua vez,

foi responsável por formular e propagar um grupo de preceitos substanciais que permitem o ato de sintetizar a concepção funcionalista e a função desempenhada por ela (Martelotta; Areas, 2003). Assim, vale discutir os principais postulados givonistas.

Conforme Givón (1995), a estrutura da língua não é fixa, uma vez que é continuamente alterada por seus usuários. Para ilustrar essa explicação, pode-se recorrer a uma alusão à Metáfora das dunas, que consiste na ideia de que, apesar dos grandes montes de areia possuírem “regularidades aparentes de formato e estrutura”, as frequentes ventanias variam o seu formato diariamente, o que as torna uma paisagem flexível (Bybee, 2016, p. 17).

Nesse viés, Bybee (2016) estabelece uma analogia entre duna e língua, visto que, mesmo com as convenções gramaticais, os interlocutores provocam uma espécie de mudança linguística semelhante ao que ocorre nas dunas, quando recorrem, gradualmente, a fenômenos linguísticos para construir a sua expressão comunicativa. Isto é, a gramática “tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva.” (Martelotta; Areas, 2003, p. 23-24).

Esse preceito funcionalista vai de encontro com a dicotomia *langue* e *parole*, criada por Saussure para privilegiar o sistema linguístico em detrimento da fala, sob a justificativa de que esta é simplesmente uma manifestação de um sistema independente e deve ser desconsiderada na análise linguística. Tal visão é refutada ao observar que

O posicionamento funcionalista em relação a esse aspecto consiste em dar novo relevo ao discurso individual, passando a compreendê-lo coma nível gerador do sistema linguístico. Este, por sua vez, é definido à maneira de um corpo moldável e em constante transformação. (Martelotta; Areas, 2003, p. 26-27).

Sob esse viés, entende-se que *langue* e *parole* são indissociáveis, dado que os aspectos que constituem os processos discursivos, isto é, que constituem a situação extralinguística, se tornam a origem da estrutura, o que, de forma simbiótica, gera a gramática. Logo, o sistema linguístico não é independente, posto que é passível de mudanças conforme a pressão de fatores externos, como as necessidades comunicativas dos interlocutores.

Outro dogma concebido por Givón (1995) foi a ideia de que, na língua, nada é por acaso, pois tudo é motivado. Sob essa ótica, critica-se a arbitrariedade do signo linguístico, na qual se separa o significante do seu correspondente mental, em que a linguagem não se relaciona com os sentidos que veicula. Em contrapartida, para o teórico referido, os falantes não criam arbitrariamente novos rótulos para seus referentes, mas, sim, “a palavra assume uma forma

específica por um *motivo* determinado”, em um processo icônico entre o sistema linguístico e o sentido construído por meio do uso (Martelotta; Areas, 2003, p. 25).

A respeito disso, Oliveira (2020, p. 1) assume um posicionamento similar, ao escrever que os indivíduos “não saem por aí criando termos novos para cada ideia ou sentimento que querem expressar”. Para ela, na maioria das vezes, os interlocutores “reciclam” termos já existentes para suprir uma necessidade comunicativa, estabelecendo um percurso do mais concreto para o mais abstrato.

Tais explicações são fundamentadas na ideia de iconicidade, em que “As formas linguísticas são motivadas pela função que desempenham na interação. Há correlação natural entre função e forma, entre a estrutura e o conteúdo.” (Rosário, 2022, p. 97). Ou seja, o indivíduo, ao se deparar com uma palavra, estabelece uma imagem que representa o sentido do termo, em um processo não arbitrário.

Além disso, Givón (1995) contesta a percepção dicotômica entre *sincronia* e *diacronia*, defendendo a existência de um terceiro eixo, a *pancronia*. Nesse cenário, não é viável considerar a análise sincrônica e a diacrônica como polos opostos que não se cruzam, haja vista que, em determinados fenômenos linguísticos, podem ser observadas tanto as mudanças ao decorrer do tempo quanto a coexistência de polissemias.

Rosário (2022), em seus estudos, explica como esses termos estão intimamente relacionados. Em seu ponto de vista, a sincronia refere-se à variação, enquanto a diacronia, à mudança, e ambas se complementam, ao passo em que as variantes linguísticas geram, ao longo do tempo, alterações na língua.

Por outro lado, o que se observa na vertente estadunidense do funcionalismo é o enfoque em fatores discursivos e mentais atrelados aos processos dessas transformações, à guisa da pancronia. Assim, segundo Givón (1995), deve prevalecer a investigação em que são analisadas as “[...] forças cognitivas e comunicativas que atuam no indivíduo no momento concreto da comunicação e que se manifestam de modo universal” (Martelotta; Areas, 2003, p. 28).

Tendo isso em vista, a fim de aprofundar um ponto fundamental deste trabalho, faz-se relevante refletir, mesmo que brevemente, acerca das influências comunicativas e cognitivas na produção de discursos, tratadas acima, à luz da corrente cognitivista da semântica, área que investiga o significado contidos nas línguas (Cançado, 2008).

Conhecida como Semântica Cognitiva, essa vertente foi um movimento, de cunho funcionalista, que se opôs aos preceitos tradicionais e gerativistas antecedentes, por considerar a língua como uma espécie de representação mental da realidade. Nessa ótica, a relação da linguagem com as habilidades cognitivas gerais é primordial nessa abordagem, tendo em vista

que as experiências culturais, sociais e individuais impactam diretamente a constituição do sistema linguístico (Rosário, 2022).

Em outras palavras, “A semântica cognitiva acredita que o pensamento é estruturado por esquemas de imagens, mapeando domínios conceituais distintos. Assume-se a extensão de conceitos temporais/espaciais para outros campos semânticos, em uma relação metafórica” (Cançado, 2008, p. 144). Logo, conforme essa semântica, para compreender expressões linguísticas, especialmente as metafóricas, os falantes recorrem ao domínio da própria cognição para associar o enunciado a um conhecimento prévio.

O aspecto supracitado introduz a oportunidade de tratar de outra noção basilar desta pesquisa, que é a metáfora. Sabe-se que, durante muitos anos voltados a uma perspectiva tradicional, os estudos linguísticos consideravam a construção metafórica somente como um recurso estilístico utilizado em textos literários, uma figura de linguagem que gera formas de expressões inéditas (Vereza, 2007).

Contudo, essa visão restrita perdeu espaço no campo linguístico com o advento de trabalhos pioneiros, como o de Lakoff e Johnson (1980), por considerarem que a metáfora não se limita a ser um simples adorno da literatura, mas faz parte regular e fundamental do cotidiano comunicativo de todos os falantes, intrínseca ao pensamento, concepção que fundou a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).

É justamente nesse sentido de considerar a experiência linguística do interlocutor durante o uso da língua que Souza (2016), baseada em Abreu (2010), explora a existência de dois domínios atuantes no processamento metafórico: o domínio-fonte e o domínio-alvo:

Em outras palavras, a metáfora implica um mapeamento entre domínios em que se escolhe propor algo mais concreto em um domínio-fonte e transpõe-se para algo menos concreto em um domínio-alvo, assim, alguns itens dos frames são transportados de um domínio a outro. (Souza, 2016, p. 137).

Dessa maneira, entende-se que o processo metafórico envolve um momento de cognição do falante em que há a passagem do significado de uma coisa para outra, de forma a relacionar um conceito mais abstrato a ideias de natureza mais concreta, a fim de certificar uma melhor compreensão entre os sujeitos envolvidos na comunicação.

Esse movimento de mudança, que “parte de contextos mais referenciais, concretos e menos subjetivos e chega à articulação de sentidos mais inferenciais, abstratos e intersubjetivos” (Rosário, 2022, p. 86), relaciona-se à noção de “reciclagem” linguística, desenvolvida por Oliveira (2020). Isso porque, conforme já mencionado, na visão da autora, é

comum que os falantes recrutem palavras já criadas na língua para assumir, em outros contextos, sentidos diferentes do original, em uma passagem do objetivo para o subjetivo.

Nessa ótica, para estabelecer esse processo, elementos como o corpo e o espaço são constantemente adotados para referenciar objetos, qualidades, localidades, acontecimentos, entre outros. De acordo com Oliveira (2020), tal fenômeno é tão recorrente que, quando novos termos são compreendidos e utilizados regularmente nas comunicações cotidianas, estes podem se fixar no campo mental e linguístico.

Por fim, conclui-se que a atuação do falante interfere diretamente no sistema linguístico, fenômeno estudado pelo funcionalismo. Portanto, esse tipo de análise, focado na presente pesquisa, é aquele que estuda o modo em que a língua muda, bem como as motivações inerentes a ele, ao mesmo tempo em que evidencia fenômenos, como o de reciclagem linguística.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho possui natureza teórica e abordagem metodológica de viés qualitativo, pois focaliza na investigação da forma como acontece um dado fenômeno linguístico, como define Brasileiro (2024). Para tanto, foi necessário o estabelecimento de algumas etapas capazes de desenvolver o presente estudo, como a delimitação do tema, a revisão da literatura, o levantamento de dados, a análise de conteúdo e, por fim, a escrita do artigo.

Na primeira etapa, realizou-se a escolha da temática pesquisada, oriunda de discussões acerca dos pressupostos funcionalistas e das construções que não configuram cânone linguístico, levantadas no decorrer da disciplina de Semântica e Pragmática, ministrada pelo professor Dr. Robson Borges Rua, durante a licenciatura no curso de Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

Nessa perspectiva, a motivação deste estudo parte da fundamentação de investigações sobre como a linguagem humana é processada e por qual razão os falantes realizam determinadas escolhas linguísticas, em diferentes situações comunicativas, principalmente no ambiente virtual, a exemplo da estrutura sintática “Foi de [X]”, constituída do seguinte padrão:

Verbo *ir* (presente, passado e futuro) + preposição *de* + substantivo (alguém, algo)

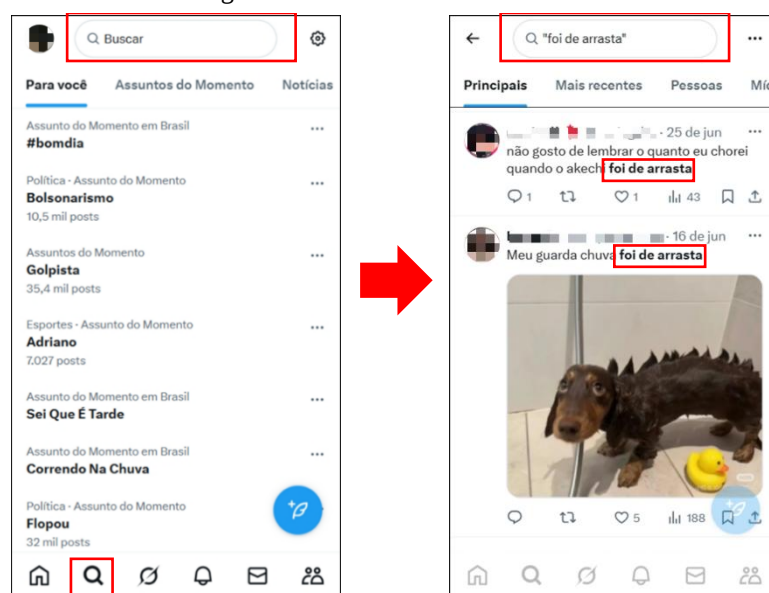
Definido o objeto, posteriormente, foi feita a revisão bibliográfica da literatura, a qual Marconi e Lakatos (2002, p. 25) definem como o “apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes

relacionados com o tema”. Dessa forma, verificaram-se pressupostos referentes à metáfora, os quais poderiam ser adotados para a construção do trabalho em questão.

Nesse panorama, foram selecionados estudos de autores como Lakoff e Johnson (1980) e Souza (2016), que abordam a Linguística Cognitiva e a Teoria da Metáfora Conceptual, em que linguagem, experiência e pensamento humano estão atrelados; Martelotta e Areas (2003), Bybee (2016) e Rosário (2022) que sustentam as teorias funcionalistas, as quais visam descrever a língua sob o ponto de vista da evolução linguística; e Marcuschi (2008), que trata da inferência na perspectiva pragmática e cognitiva.

Em seguida, constituiu-se o *corpus* de dados a serem estudados, colhidos no decorrer do período de 11/07/2022 a 25/05/2024. Tal etapa foi executada na rede social X e envolveu a busca pelas palavras-chave “Foi de”, junto a uma variação de expressões comumente atreladas ao escopo, a exemplo de “Foi de arrasta”, no mecanismo de pesquisa do aplicativo, como ilustrado na figura 1.

Figura 1 – Ferramenta de busca do X



Fonte: X (2025)

A partir disso, foram realizadas capturas de tela de publicações que continham a utilização dessa construção, das quais foram extraídos, até o momento, 169 registros, que podem ser acessados no seguinte link de armazenamento de dados em nuvem: <https://drive.google.com/drive/folders/1RaL5f10lwHZdXsc6rnBNF7xxCbQ3MUr5?usp=sharing>. Vale ressaltar que a identificação dos usuários digitais, por questões de ética de pesquisa, não será divulgada neste trabalho, a fim de garantir o anonimato dos participantes.

Por fim, dada a seleção anterior, analisaram-se os dados, por meio do suporte metodológico de análise de conteúdo proposto por Martelotta (2009), que envolve investigar determinada atividade linguística a partir de sua natureza pragmático-discursiva, a qual abarca as informações contextuais que motivam a comunicação real, e, por último, consolidou-se a construção do artigo.

Logo, ressalta-se que esta investigação não se encerra nessa discussão, uma vez que existem inúmeras outras construções que os falantes utilizam no contexto virtual, a exemplo da rede social X, que se referem ao fim/desaparecimento da vida, as quais poderão ser analisadas em estudos futuros.

5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS

Nesta seção, realizar-se-á a análise de 9 dos 169 dados coletados durante a pesquisa, com enfoque em, sem prolongar a estrutura de artigo, discutir e categorizar as relações metafóricas que compõem o escopo em estudo, à luz das fundamentações teóricas que embasam este trabalho. Para tanto, esta etapa se divide em 4: explicação do objeto com base na Metáfora Conceptual; análise dos efeitos de reciclagem que permeiam a construção estudada; categorização dos dados baseada nas projeções metafóricas identificadas; e, por fim, discussão acerca das motivações do uso dessas expressões não canônicas, sobretudo nas redes sociais.

5.1. O objeto de estudo sob o prisma da Metáfora Conceptual

Como já adiantado, a partir dos estudos conceptuais, a metáfora não está restrita a ser apenas um adorno na linguagem, mas, ao contrário, constitui um recurso intrínseco à vivência do ser humano, presente no pensamento e na ação cotidiana, em diversos contextos comunicativos, conforme elucidam Lakoff e Johnson (1980) e Vereza (2007).

Tal processamento acontece, cabe lembrar, por meio da projeção entre um domínio-fonte, aquele que é mais concreto, e um domínio-alvo, algo mais abstrato (Souza, 2016). Nesse enfoque, ao voltar-se para o escopo “Foi de [X]”, é possível identificar esse mapeamento de domínios, em que se pode entender uma coisa em termos de outra, a exemplo do dado 02 a seguir:

Dado 02

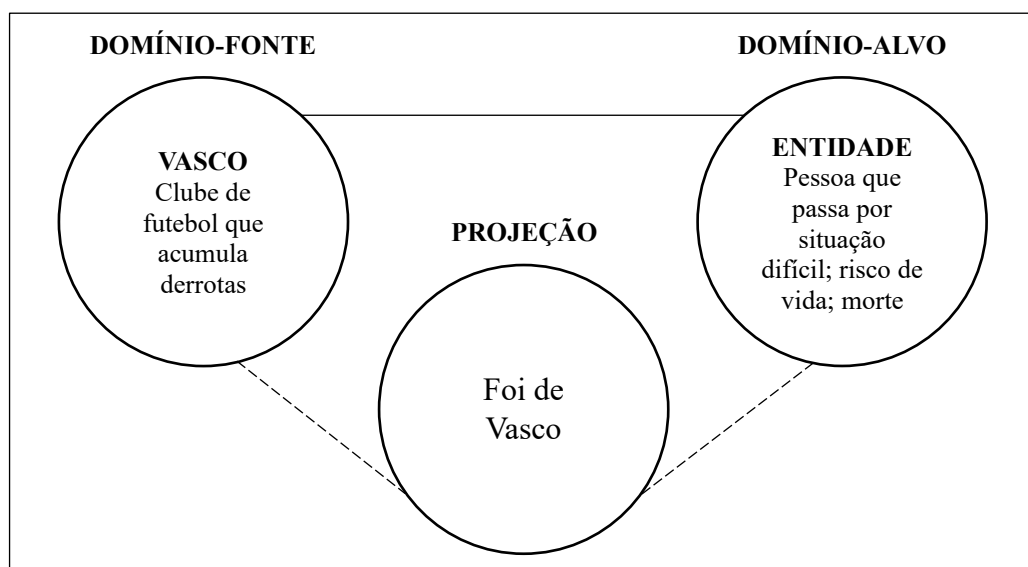


Fonte: X (2024)

Na presente imagem, o usuário utiliza a expressão “Foi de Vasco” para comentar uma postagem que sugere que o líder político do Irã morreu em um acidente aéreo. Nesse contexto, a construção em uso tem a intenção de confirmar a ideia de falecimento, ao recrutar características próprias do time do Vasco da Gama e projetá-las ao fim da vida de um indivíduo.

Esse fenômeno se explica porque, atualmente, as propriedades que compõem a situação real da equipe do Vasco são constantemente associadas a entidades que também enfrentam momentos difíceis, insucessos e, em especial, a morte, por grande parte dos usuários da rede social X. Como forma de comprovar, recorre-se novamente ao texto de Souza (2016), por meio do qual foi possível estabelecer o seguinte esquema:

Figura 2 – Projeção metafórica “Foi de Vasco”



Fonte: Elaboração própria (2025)

Tal associação ocorre devido ao fato de que a instituição em questão, que é um clube de futebol tradicional do Rio de Janeiro, recentemente, apresenta resultados negativos no cenário contemporâneo, uma vez que foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato brasileiro diversas vezes na última década, de forma a acumular derrotas e não conquistar títulos há muito tempo.

Dessa forma, fica claro que as características do domínio-fonte, referentes à situacionalidade atual do Vasco, quando projetadas ao domínio-alvo, entidade humana que perde a vida, estabelecem uma espécie de aproximação entre as duas ideias, concretizando a construção de uma relação metafórica de que a morte é um destino a ser alcançado, isto é, de que a morte é uma trajetória, se levado em conta a conceptualização discutida por Lakoff e Johnson (1980) na TMC.

5.2. A reciclagem linguística presente na construção “Foi de [X]”

Entende-se que, a depender da necessidade comunicativa, os falantes recrutam palavras já existentes no léxico de uma língua para que elas assumam efeitos de sentidos diferentes do significado original, de acordo com Oliveira (2020). Para a estudiosa, tal fato se justifica em razão de que é praticamente impossível que os interlocutores criem novos termos para cada ideia que se deseja expressar e, por causa disso, optam por “reciclar” expressões já disponíveis, de modo a adaptá-las para uma nova utilização, em um movimento do concreto para o abstrato.

Diante disso, levando em consideração essa concepção, cabe analisar os efeitos da reciclagem linguística de termos que permeiam a construção estudada, como nas frases “Foi de base” e “Foi de berço”, ilustradas nos dados 03 e 04 abaixo:

Dado 03



Fonte: X (2024)

No dado 03, tem-se uma publicação que relata a verificação de valores de remédio, os quais, fazendo inferência do contexto, devem ser caros demais para a situação financeira do autor, dado que ele chega à conclusão de que seria preferível “ir de base”, isto é, morrer, a comprar as medicações. Contudo, a palavra “base”, em conceituações originais, não tem relação

com a morte, pois significa suporte, parte inferior ou alicerce de alguma coisa, segundo o Grande Dicionário da Língua Portuguesa (2013).

Neste caso, a reciclagem se desenvolve quando o termo em questão se populariza no âmbito dos jogos digitais, especificamente no *League of Legends (LoL)*, um jogo de batalha, em que há um local denominado de “Portão da base”, onde os jogadores ressuscitam após serem abatidos no decorrer da partida. Dessa maneira, “ir até a base” assume um sentido de que alguém foi eliminado, transformando o significado original da palavra “base”, bem como discute Oliveira (2020), ao ultrapassar o cenário eletrônico e se difundir na rede X.

Dado 04



Fonte: X (2023)

No que tange ao dado 04, “Foi de berço” é a expressão utilizada pelo autor do tuíte ilustrado para fazer referência ao fim da vida de uma pessoa. No entanto, o termo “berço” não está associado ao falecimento, em suas definições originais, visto que está atrelado ao móvel no qual uma criança recém-nascida é posta para dormir ou ao começo e à origem de uma coisa (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 2013).

Nesse panorama, para pensar no movimento linguístico de reciclagem do enunciado em análise, pode-se considerar o “berço” em seu significado de local de descanso, em que o indivíduo que está posto nela possui a mesma postura de um sujeito falecido em um caixão; deitado e de olhos fechados. Logo, os falantes associam esse objeto ao ato de deixar de existir.

Outra explicação trata de uma aproximação da realidade ao cenário dos jogos eletrônicos, ao levar em conta que, como explicado anteriormente, os jogadores que são eliminados ao longo de uma partida retornam à vida quando chegam à base de um jogo. Nesse prisma, a base está relacionada ao berço, já que essa mobília é utilizada por recém-nascidos, da mesma forma que um jogador renasce no *videogame*.

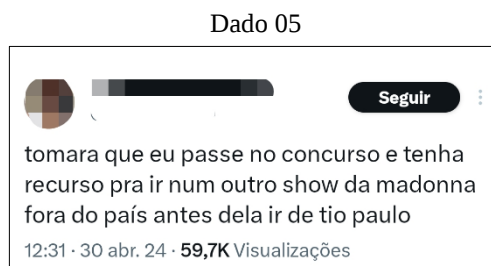
Desse modo, os interlocutores, principalmente os usuários da rede social X, passam a utilizar frases como “Foi de base” e “Foi de berço”, a partir de palavras que já obtinham significado no léxico do português, reorganizadas em contexto diferente do original, para figurar um novo significado, o relativo à morte.

5.3. Categorização da construção “Foi de [X]”

Ao analisar o *corpus* da presente pesquisa, foi possível realizar uma categorização quanto à natureza das projeções criadas pelas variações do escopo “Foi de [X]”, em que [X] pode ser tanto de categorias claras, como entidades humanas, institucionais, culturais e resultativas, quanto difusas, nas quais um mesmo dado contém mais de uma propriedade. Assim, nesta subseção, serão atribuídas classificações para os diferentes usos desta construção frasal, a partir dos contextos e da relação interlocutora que constituem seu sentido (Marcuschi, 2008).

5.3.1. Categoria 1: a projeção em entidades humanas

Nesta categoria, ocorre a transposição de traços relacionados a entidades humanas para outros itens lexicais. Para ilustrar esse cenário, pode-se observar o seguinte dado:



Fonte: X (2024)

Neste dado, um perfil expressa seu desejo de ir novamente a um *show* da cantora Madonna, antes dela morrer, utilizando o trecho “ir de tio Paulo”, o qual estabelece uma projeção metafórica baseada na passagem das características de uma entidade humana, “tio Paulo”, para outra, a artista musical.

Isso porque, no contexto da publicação em questão, ano de 2024, ficou conhecido nas redes sociais um caso que se tratava da prisão de uma mulher que havia levado Paulo, seu tio idoso, já morto, à uma agência financeira. A partir disso, houve uma grande repercussão na internet, a qual gerou diversos *posts* humorísticos e, dentre eles, os que faziam do acontecido com o senhor de terceira idade uma alusão metafórica à ideia de óbito, como a expressão “Foi de tio Paulo”.

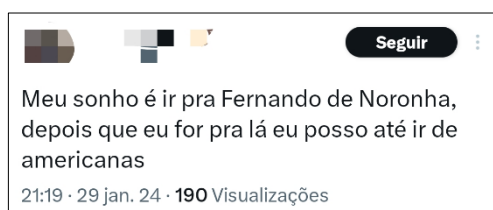
Dessa forma, ocorre o mapeamento de propriedades de uma pessoa que faleceu a outro alguém ou algo. Nessa variedade, foram encontrados outros exemplos da construção observada,

a saber: “A candidatura do Nunes foi de Olavo [de Carvalho], heim?”, “Acho que a Kate Middleton foi de Rainha Elizabeth”, “Trump quase foi de Getúlio [Vargas]”, e “Meu *twitter* de pc já foi de Pelé”.

5.3.2. Categoria 2: onde [X] é instituição

Na presente categoria, [X] assume as qualidades de uma instituição, a qual, geralmente, se encontra em condições de encerramento das atividades corporativas. A título de exemplificação, tem-se o dado 06, a seguir:

Dado 06



Fonte: X (2024)

O tuíte apresentado informa que, para o autor, quando o sonho de viajar ao arquipélago brasileiro Fernando de Noronha for realizado, ele poderá “ir de Americanas”, ou seja, morrer. Nesse viés, tal acarretamento ocorre da transferência dos aspectos atuais das lojas Americanas, enquanto empresa que acumula dívidas e, por causa disso, teve inúmeras unidades fechadas e declaradas em falência, à concepção de fim da vida ou perda de funcionalidade.

Destarte, concebe-se a experiência do perecimento em termos de organizações que deixaram de funcionar ou, até mesmo, passaram a operar com baixo prestígio. Por fim, ressalta-se que outras exemplificações dessa categoria foram coletadas, como: “E o Silvio Santos que foi de *Record*”, rede de televisão que possui pouca audiência; “Tava botando fé na Priscila Fantin no samba, mas acho q foi de *BlueSky*, né?”, rede social em desuso; e “Minha pressão já foi de *Starbucks* vendo esse jogo”, multinacional que findou suas atividades no Brasil.

5.3.3. Categoria 3: a abordagem com viés cultural

A categoria em questão diz respeito à aplicação de aspectos do campo cultural encontrados nas atividades metafóricas da estrutura frasal “Foi de [X]”. Abaixo, dispõe-se de um exemplo desse tipo de projeção:

Dado 07



Fonte: X (2023)

Nesse dado, é utilizada a expressão “Foi de *Wakanda Forever* na horizontal” para representar a posição em que o animal de estimação do autor costuma dormir: com as patas cruzadas frente a seu corpo deitado. De maneira semelhante, os personagens do filme *Pantera Negra* (2018) fazem esse mesmo gesto para representar o povo de *Wakanda*, como ilustrado na figura 3.

Figura 3 – Gesto de *Wakanda Forever*

Fonte: Marvel Studios (2018)

Todavia, na cultura social de grande parcela da humanidade, esse tipo de arranjo de braços é comum entre as pessoas falecidas, quando posicionadas no caixão, em uma orientação horizontal, daí o acarretamento de personificação na estrutura metafórica “ir de *Wakanda Forever* na horizontal”.

Dessa maneira, os falantes recorrem a um traço que remete à cultura cotidiana, como o símbolo presente na obra cinematográfica referida, e o transpõe para o sentido que desejam expressar, no caso do fim da vida. Ao considerar isso, tal categoria também se concretiza nos seguintes exemplos: “Nosso relacionamento foi de 1D”, “Ele foi de RBD”, referindo-se a bandas altamente conhecidas na cultura musical que cessaram sua atuação, e “Acho que fui de comes e bebes”, analogia ao ato cultural de servir comidas e bebidas em velórios.

5.3.4. Categoria 4: [X] como mapeamento resultativo

Esta categoria está atrelada ao uso da organização sintática “Foi de [X]” como uma projeção de resultados, sobretudo de viés negativo, ao final da existência, como será analisado no dado abaixo:

Dado 08



Fonte: X (2022)

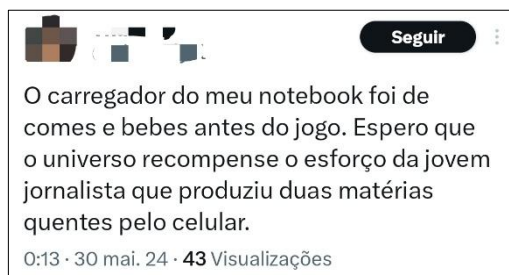
Na presente publicação, o usuário digital pontua a morte do jogador de futebol Pelé, por meio da frase “foi de camisa de saudade eterna”. Tal utilização é explicada ao observar que, em decorrência da morte de um cidadão, geralmente, familiares e amigos que enfrentam o luto criam camisas estampadas com a foto do falecido e dizeres de saudades eternas.

Destarte, dizer que alguém “foi de camisa de saudade eterna” implica no entendimento de que algo deu errado/alguém faleceu, em uma transposição de resultado de morte entre itens lexicais. Tal processamento também é demonstrado em outras postagens, tais quais “Ele foi de nome de rua”, em que há mapeamentos de homenagem a cidadãos importantes que estão mortos, “Já penso logo que algum dos dois foi de tela azul”, acerca do fim do funcionamento de um aparelho tecnológico, “A vida amorosa foi de vala”, uma projeção que indica o escoamento de resíduos líquidos, e “Foi de Vasco”, já explorado.

5.3.5. Categoria 5: a difusão de propriedades

Nesta última categoria, encontram-se os dados que compartilham mais de uma propriedade, sendo uma classificação difusa, já que a sua projeção pode ser compreendida sob os aspectos de várias esferas. Isso pode ser materializado na ilustração a seguir:

Dado 09



Fonte: X (2024)

No dado 09, a construção “Foi de comes e bebes”, utilizada no tuíte, faz relação à danificação definitiva do carregador de um *notebook*. Nessa ótica, ao analisar a natureza da frase em questão, pode-se entender que há mais de um posicionamento específico quanto à entidade de mapeamento.

O primeiro deles, sob a ideia resultativa, considera a locução substantiva “comes e bebes” como as comidas e as bebidas servidas ao final de ocasiões, a exemplo de reuniões e confraternizações, as quais habitualmente acabam rápido, isto é, possuem um resultado de fim imediato. Outra explicação pode abarcar o costume cultural de servir tais aperitivos ao longo de velórios. Logo, os falantes associam esse acontecimento, que tanto gera a ideia de que um evento está acabando, quanto remete a cerimônias fúnebres, ao ato de deixar de existir e de funcionar.

Além disso, no exemplo em questão, tem-se a característica da cultura dos jogos eletrônicos, relacionada a questões fonológicas. Isso ocorre em razão de que, no universo dos *videogames*, a possibilidade de um jogador morrer e renascer em uma mesma partida é denominada de *comeback* (retorno, em português), termo que possui semelhança de sonoridade com a expressão “comes e bebes”, já existente na língua portuguesa, conforme discutido anteriormente.

5.4. A motivação da mudança linguística em “Foi de [X]”

Para aludir à descontinuidade da vida, já havia expressões capazes de sinalizar que alguém morreu ou teve perda de funcionalidade no léxico da língua portuguesa. Entretanto, por determinados motivos, como o desgaste daquilo que é convencionado, os falantes recorrem a construções fraseológicas oriundas de seu cotidiano, a fim de suprir necessidades de eloquência a depender do momento comunicativo (Bybee, 2016).

Na área da tecnologia não é diferente, como bem abordado, tendo em vista que a internet proporciona um espaço de compartilhamento de informações, de maneira fácil e rápida, no qual os usuários se sentem à vontade para realizar modificações linguísticas mais adequadas aos contextos de comunicação, a partir dos próprios acontecimentos digitais, como ocorre na construção “Foi de [X]”.

Nesse cenário, ao resgatar os postulados de Bybee (2016), no que concerne à concepção de que a estrutura linguística é moldada à medida que os interlocutores fazem o uso da língua, nesta subseção, pode-se discutir sobre as motivações da aplicação do escopo em análise, enquanto expressão não canônica, principalmente na plataforma social X.

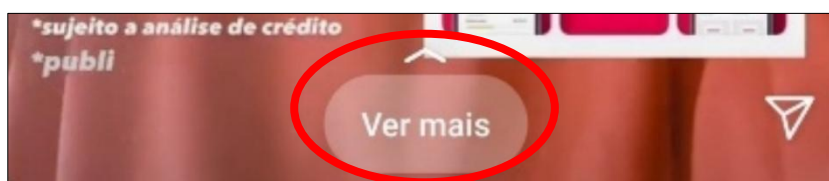


Fonte: X (2022)

O dado 10 apresenta a dúvida de um internauta sobre o conhecimento de seu ex acerca da morte do jogador de futebol Pelé. Como se sabe, o autor poderia ter utilizado uma expressão do cânone da língua que concernisse ao tempo pretérito do verbo morrer, a exemplo de “morreu”, porém, optou por construir a estrutura sintática “foi de arrasta pra cima”.

Essa expressão teve origem no ano de 2021, quando a ferramenta “ver mais” (figura 4), da rede social *Instagram*, a qual servia para acessar *hiperlinks* por intermédio do ato de arrastar o dedo pela tela, perdeu a sua função na plataforma. Desde então, o encerramento do recurso ganhou a conotação de algo que morre, ou deixa de funcionar, por parte dos internautas que circulam no site X.

Figura 4 – Captura de tela da função “ver mais”



Fonte: X (2022)

Tal motivação pode ser discutida à luz da iconicidade da linguagem, a qual, segundo um dos postulados de Givón (1995), consiste na aproximação entre um termo e seu sentido.

Nesse caso, assim como a funcionalidade, as pessoas também morrem, bem como as coisas param de operar, e, por isso, o processo metafórico se torna icônico.

Outra justificativa se dá pelo princípio da expressividade, em que os falantes substituem rótulos já convencionados por novos, consoante Rosário (2015), para se tornarem mais expressivos. Esse tipo de estratégia interativa é utilizado em virtude da adaptabilidade ao ato de comunicação, associado ao grau de novidade da forma linguística. Logo, se um acontecimento se torna popular em um meio digital, os interlocutores que possuem conhecimento desse universo terão a tendência em construir relações metafóricas que se aproveitam do contexto virtual, tal qual é elaborada na expressão “Foi de arrasta pra cima”.

Portanto, é evidente que a língua não é arbitrária e está sujeita a pressões externas, pois seus usuários, a partir de atividades cognitivas e comunicativas, como a iconicidade e a expressividade, modificam a estrutura linguística para substituir o que já está sistematizado, com o fito de atingir maior grau de compreensão nas situações comunicativas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o objetivo foi discutir acerca dos processamentos metafóricos e dos conhecimentos inferenciais presentes na expressão “Foi de [X]”, enquanto projeção metafórica que faz referência à morte, com enfoque na coleta de dados selecionados a partir do uso realizado por usuários digitais da rede social X.

Ao longo da pesquisa, foi possível reunir uma gama de variações associadas à estrutura “Foi de [X]”, as quais foram analisadas a partir das relações interlocutoras constituintes dos sentidos comunicativos e categorizadas mediante a natureza das projeções estabelecidas. Ademais, também foram exploradas as possíveis motivações de uso dessas expressões não canônicas, especialmente por se tratar de um fenômeno de grande recorrência nas redes sociais, em que se observou que tal processamento, além de relacionar-se ao fim da vida, também pode estar atrelado à perda de funcionalidade e à falência.

Quanto à sua fundamentação, este estudo baseia-se nos postulados da Linguística Cognitiva, sob a perspectiva da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980) e Souza (2016), nos pressupostos funcionalistas, à luz de Givón (1995), Martelotta e Areas (2003), Bybee (2016) e Rosário (2022), e na concepção pragmático-semântica de inferência, defendida por Marcuschi (2008).

Para tanto, buscou-se estudar o referido escopo sob a luz do funcionalismo linguístico e das considerações conceptuais da metáfora. Tais perspectivas possibilitaram a realização de

uma investigação que foi além das relações canônicas da língua, ao admitir o caráter maleável do sistema linguístico, o qual é alterado por intermédio das ações comunicativas dos falantes nos momentos de interlocução (Givón, 1995; Martelotta; Areas, 2003; Bybee, 2016; Rosário, 2022).

Além disso, sob a ótica da Metáfora Conceptual, tomou-se como referente a perspectiva de que a metáfora é uma forma de pensar e de agir, longe da visão que a limitava aos ornamentos do texto. Tendo isso em vista, foram levadas em consideração as experiências sociais e culturais dos falantes para chegar à conclusão de que a estrutura metafórica é intrínseca ao ser humano, vide as necessidades comunicativas do cotidiano (Lakoff; Johnson, 1980; Souza, 2016).

Portanto, constata-se a importância de um estudo dessa natureza, principalmente por estar voltado às construções metafóricas, para a área das letras, haja vista os impactos que o avanço tecnológico e a interação na rede social causam na estrutura da língua, já que permitem a expressividade e a criatividade dos participantes da comunicação, de forma a evidenciar a correlação entre cognição e linguagem.

Por fim, destaca-se que este trabalho tende a contribuir, de forma expressiva, para os estudos da linguagem, sobretudo no campo de investigação de expressões empregadas nos domínios de redes sociais. Assim, embora esta investigação esteja em estágio final, faz-se relevante convidar pesquisadores a se debruçar acerca dos processamentos metafóricos e dos conhecimentos inferenciais presentes nas construções recorrentes no meio digital, em especial na rede X.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2024.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução por Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterda: John Benjamins, 1995.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 17-28.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Funcionalismo e metodologia quantitativa. *In*: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa (orgs.). **Pesquisa em Linguística Funcional: convergências e divergências**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009, pp. 1-20.

MARVEL STUDIOS. **Black Panther**. 2018. Imagem. Disponível em: <https://www.marvel.com/movies/black-panther>. Acesso em: 26 jun. 2025.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Tradução por Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Sintaxe funcional. *In*: OTHERO, G; KENEDY, E. **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 143-162.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022.

SOUZA, Aline. Metáforas, metonímias e parábolas na construção do sentido e da produção textual. *In*: ABREU, Antônio Suárez; SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. **Ensino de português e linguística: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 136-156.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem. **Roseta**, v. 3, n. 1, 2020.

PORTO Editora. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: 2013.

VEREZA, Solange Coelho. **Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem**. Niterói: EdUFF, 2007.